

Entre livros, autores e viagens. A construção de um abolicionista na autobiografia *Minha Formação*, de Joaquim Nabuco.

ALINE VITOR RIBEIRO*

Este texto buscará refletir sobre as ideias, lugares e influências que foram relevantes para a conformação da trajetória e posicionamento abolicionista de Joaquim Nabuco. Para tanto, a fonte principal dessa análise é sua autobiografia intitulada *Minha Formação*.

Segundo o prefácio escrito pelo próprio autor, em 1900, a publicação desse livro se deu, primeiramente, no Comércio de São Paulo, em 1895 e, posteriormente, pela Revista Brasileira. Além disso, é possível inferir que no momento da compilação dos textos em formato de livro houve acréscimos de outros escritos e, também, emendas naquelas já anteriormente publicados. (NABUCO. 1998: p. 11) Segundo Maria Alice Rezende de Carvalho, a autobiografia do abolicionista obteve sucesso um pouco menor que seus livros anteriores, especialmente *Um estadista do império*, onde ele teria maior rigor na pesquisa histórica. (CARVALHO. 2002: p.222 e 226) Tal livro conta a trajetória de seu pai, José Thomaz Nabuco de Araújo (1813-1878), e em sua elaboração Joaquim Nabuco teria utilizado muitos documentos guardados pelo pai e que faziam referência à vida política do mesmo. Talvez pela quantidade de material envolvido na escrita deste livro é que Maria A. R. de Carvalho tenha apontado para o rigor da pesquisa e por isso tenha feito mais sucesso que sua autobiografia.

Joaquim Nabuco nasceu em Recife, em 1849. Filho de político do Império era, portanto, membro da elite brasileira do período. Quando seu pai foi eleito a deputado e mudou-se para o Rio de Janeiro, ainda jovem foi morar com sua madrinha, que era proprietária de um engenho de nome Massangana. Assim Nabuco teve contato com escravos, desde brincadeiras com as crianças negras até os castigos impostos àqueles que poderiam ter desobedecido ao senhor. (COSTA. 2008: p.101) É curioso que, em sua autobiografia, o capítulo destinado a detalhar suas experiências de vida na propriedade de sua madrinha seja o

* Mestranda da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)/Campus Guarulhos. Desenvolve a pesquisa intitulada *Lendo Harriet Beecher Stowe no Brasil: Circulação e Traduções Culturais do romance A Cabana do pai Tomás na segunda metade do século XIX* e é bolsista CAPES.



de número vinte, intitulado Massangana, já ao final do livro, sendo que este possui vinte e seis capítulos. Nesse ponto, o autor inseriu uma nota de rodapé ao título dizendo que

A razão que me fez não começar pelos anos da infância foi que estas páginas tiveram, ao serem primeiro publicadas, feição política que foram gradualmente perdendo, porque já ao escrevê-las diminuía para mim o interesse, a sedução política. A primeira idéia fora contar minha formação monárquica; depois, alargando o assunto, minha formação político-literária ou literário-política; por último, desenvolvendo-o sempre, minha formação humana, de modo que o livro confinasse com outro, que eu havia escrito antes sobre minha reversão religiosa. É deste livro, de caráter mais íntimo, composto em francês há sete anos, que traduzo este capítulo para explicar a referência feita às minhas primeiras relações com os escravos. (NABUCO. 1998: p. 179)

Podemos pensar que no ato da compilação da sua autobiografia para livro o autor tenha interferido na composição dessa compilação, demonstrando de que maneira esta deveria ser feita, agindo mais ou menos como um editor de sua própria autobiografia. Assim, o livro teria partes específicas para cada aspecto de sua vida que poderia auxiliar o leitor a melhor compreendê-la, ou que melhor representaria Nabuco da forma que ele preferisse. Sobre essa tentativa de selecionar o conteúdo a ser inserido e a maneira que deveria ser inserido ao longo do livro é algo apontado por Pierre Bourdieu, como um elemento constante nos relatos biográficos e autobiográficos. Segundo o autor, o relato autobiográfico se baseia sempre na tentativa de dar sentido, tornar coerente e criar relações inteligíveis aos eventos relatados. (BOURDIEU. 2006: p. 184)

Em textos biográficos ou autobiográficos também é possível notar a tentativa do biografado de transmitir propositalmente certa imagem de si, como aponta Gabriele Rosenthal ao detalhar em seu texto um caso estudado por ela mesma, onde uma mulher ao contar sua trajetória sempre colocava-se como vítima. (ROSENTHAL. 2006: p.195) Não consideramos que Nabuco esteja se projetando enquanto uma vítima, como o caso estudado por Rosenthal; no entanto, concordamos com a autora ao pensar que a maneira como o abolicionista organizou sua trajetória tenha muito a dizer em relação à maneira como ele se enxerga e queria ser visto pelos leitores.

Ao contrário do que se poderia pensar, as lembranças sobre a infância de Nabuco não se encontram no início do livro, como foi observado anteriormente, mas os primeiros capítulos dessa autobiografia são dedicados a mostrar para o leitor seu posicionamento político e como esse se formou. Sabe-se que Nabuco foi um forte defensor da monarquia ao

longo de sua vida; por várias vezes ele assumiu tal posicionamento. Portanto, são evocadas leituras e autores que se tornaram referências para essa defesa. Segundo o autor, a causa republicana também o seduziu em certos momentos e suas ideias flutuavam entre a monarquia e a república. Porém ao ler o escritor inglês Walter Bagehot se deixou seduzir totalmente pela causa monarquista, em suas palavras,

O que me decidiu foi a Constituição Inglesa de Bagehot. Devo a esse pequeno volume que hoje não será talvez lido por ninguém em nosso país, a minha fixação monárquica inalterável; tirei dele, transformando-a a meu modo, a ferramenta toda com que trabalhei em política...(NABUCO. 1998: p.21 e 22)

“Bagehot” é o título do segundo capítulo de *Minha formação*, confirmando o legado deixado pelo escritor inglês para o posicionamento político de Nabuco. O autor aponta como um aprendizado que obteve da leitura da *Constituição Inglesa* a ideia de governo de gabinete que seria a alma da Constituição Inglesa. Segundo Nabuco,

Sua idéia [a de Bagehot] é que os dois poderes, o Executivo e o Legislativo, se unem por um laço que é o gabinete e que, de fato, assim só há um poder, que é a Câmara dos Comuns, de que o gabinete é a principal comissão. “O sistema inglês, diz ele, não consiste na absorção do Poder Executivo pelo Legislativo; consiste na fusão deles.” O rival desse sistema é o que ele chamou sistema presidencial. (NABUCO. 1998: p. 27)

Maria A. R. de Carvalho afirma que a fonte de inspiração para Nabuco, Bagehot, teria sido influenciado pelas ideias de Montesquieu, ao pensar em um equilíbrio de forças entre cada estamento (de acordo com a linguagem de Montesquieu), que o poder monárquico não feriria. Esse equilíbrio originaria a ordem e a prosperidade. (CARVALHO. 2002: p.226) Nabuco passa a comparar o sistema governamental estadunidense e o inglês e chega a algumas conclusões que diz ter sido a principal ideia que recebeu do escritor inglês. Segundo ele:

uma monarquia secular, de origens feudais, cercada de tradições e formas aristocráticas, como é a inglesa, podia ser um governo mais direta e imediatamente do povo do que a república. “Uma vez que o povo americano escolheu o seu presidente, ele não pode mais nada, e o mesmo se dá com o colégio eleitoral que lhe serviu de intermediário.” A Câmara dos Comuns, essa, porém, faz e desfaz o gabinete, de modo que o governo está sempre nas mãos da representação nacional. Se se dá um desacordo entre eles, em que o ministério supunha ter de seu lado a opinião, dissolve a Câmara, e, dentro de dias, a nação se pronuncia. Comparados os dois governos, o norte-americano ficou-me parecendo um relógio que marca as

horas da opinião, o inglês, um relógio que marca até os segundos.
(NABUCO. 1998: p. 33)

É possível notar que Nabuco considerava que as transformações que pudessem ocorrer na sociedade teriam maior sucesso caso respeitasse as estruturas e a ordem já pré-determinadas. Nesse caso, um respeito às tradições e aos costumes seriam fundamentais para que o povo fosse melhor representado, ao contrário, do que ocorreria na República. Segundo ele, para o inglês, a liberdade está intimamente ligada à ordem que, nas palavras de Nabuco, seria a verdadeira “arquitetura social”. (NABUCO. 1998: p.117) Dessa forma, o autor afirma a importância da monarquia e esclarece o porquê ela devia existir no Brasil.

Em 1873 o autor afirmou ter assumido totalmente sua defesa monarquista. Nesse mesmo ano fez sua primeira viagem para a Europa. (NABUCO. 1998: p. 46 e 47) Em meio a essas viagens conheceu a Inglaterra, lugar de sua admiração devido à monarquia. No entanto, não foi nesse período que Nabuco estreitou relações com os abolicionistas britânicos, como será visto adiante. No momento de sua primeira viagem, Emilia Viotti da Costa o descreve como um jovem boêmio e de vida social bastante ativa e que foi para a Europa após o pai fornecer-lhe recursos. A autora aponta que Nabuco nesse período

Passou tempo entre os namoricos e visitas a famosos franceses (...). Suas relações com a Embaixada Brasileira em Paris facilitaram-lhe o contato com políticos franceses de renome. Visitou a Itália, a Suíça, a Inglaterra como despreocupado turista, frequentando altas rodas, escrevendo e recitando poesias inconsequentes, redigidas em francês. (COSTA. 2008: p. 103)

Nesse ponto de sua vida, Nabuco não era ainda engajado na causa abolicionista e nem possuía produção que abarcasse tais temas. porém, segundo o autor, Londres foi fundamental para a solidificação política de sua vida. Quando estava na Europa, especialmente na França, distribuía exemplares de um livro de poesias que ele escreveu intitulado *Amour et Dieu* que foi recebido com cartas amáveis pelos intelectuais franceses, mas não encorajadoras. (COSTA. 2008: p.104) Em sua autobiografia, não cita esses episódios de falhas, mas reafirma a importância europeia, de sua cultura, arte, literatura e aponta com firmeza que os laços entre à América e a Europa não podem ser esquecidos, pois temos as mesmas raízes devido à colonização. (NABUCO. 1998: p. 49) Podemos pensar que Nabuco, de alguma forma, pensava em uma identidade nacional brasileira que era muito próxima à do europeu, ou seja, do homem branco, mas que nada tinha em comum com o indígena e o negro. A questão da

civilização é bastante clara quando ele admira todo o progresso do continente europeu e percebe a ausência de todos esses elementos no Brasil, ainda que ao estar na Europa sintasse nostálgico de sua pátria.

A instabilidade a que me refiro, provém de que na América falta à paisagem, à vida, ao horizonte, à arquitetura, a tudo o que nos cerca, o fundo histórico, a perspectiva humana; que na Europa nos falta a pátria, isto é, a forma em que cada um de nós foi vazado a nascer. De um lado do mar sente-se a ausência do mundo; do outro, a ausência do país. O sentimento em nós é brasileiro, a imaginação européia. As paisagens todas do Novo Mundo, a floresta amazônica ou os pampas argentinos, não valem para mim um trecho da Via Ápia, uma volta da estrada de Salerno a Amalfi, um pedaço do Cais do Sena à sombra do velho Louvre. (NABUCO. 1998: p.49)

O trecho anterior deixa bastante explícito a defesa de Nabuco em relação ao fundamento europeu da civilização brasileira, como aponta Maria A. R. de Carvalho. (CARVALHO. 2002: p. 229) Para ele seria impossível obter uma identidade totalmente autêntica, mas ao afirmar isso não recorre à mestiçagem da população, mas afirma as relações identitárias com o europeu.

Além de sua viagem e admiração pela Inglaterra, Nabuco também realizou viagem para os Estados Unidos. Em *Minha formação* o autor dedica três capítulos para suas experiências nesse país. Entre os anos 1876 e 1877 escreveu diários comentando seu cotidiano em terras estadunidenses. Segundo Viotti, o autor foi nomeado em 1876 adido à Embaixada Brasileira dos Estados Unidos, embora seu desejo fosse obter um cargo em Londres, no entanto, permaneceu lá até 1878 quando voltou ao Brasil, devido a morte de seu pai. (COSTA, 2008: p. 104)

Podemos perceber, por meio de sua autobiografia que mesmo em terras republicanas, como é o caso dos Estados Unidos, manteve seu posicionamento monarquista e continuou considerando a Inglaterra como um cenário político-social mais sério e respeitável do que no caso estadunidense. (NABUCO. 1998: p. 150) A política estadunidense valoriza menos seu cidadão do que na Inglaterra, pois aquele seria escravo dos partidos e estes seriam totalmente controlados por indivíduos específicos que detêm certo poder, como podemos notar a seguir

O cidadão vale menos nos Estados Unidos do que na Inglaterra. Para ser uma unidade política americana, e preciso que o indivíduo se matricule em um partido, e, desde esse dia, renuncie à sua personalidade. Na Inglaterra não há semelhante escravidão do partido. O país é governado, como nos Estados Unidos, por dois

partidos que se alternam e se equilibram, mas os partidos ingleses são partidos de opinião, não são machines, como os americanos, das quais certo número de bosses governam e dirigem os movimentos.
(NABUCO. 1998: p. 151)

Segundo o autor, nos Estados Unidos, o governo não exerceria a mesma pressão sobre a sociedade que em outros lugares do mundo. Nesse sentido a autoridade do Estado sobre o povo também seria menor e, assim, o sujeito teria cada vez mais liberdade. Porém, para Nabuco esta liberdade nada mais seria do que puro individualismo e, ao mesmo tempo, o povo teria menos garantias por parte do seu governo do que no caso inglês. No entanto, o sentimento de liberdade americana consistiria na igualdade hierárquica entre governantes e governados, sendo este, um aspecto completamente diferente da Inglaterra. (NABUCO. 1998: p. 152 e 153)

Por outro lado, ainda que o autor tenha defendido suas críticas em relação ao sistema político norte-americano, este afirmou que foi tratado lá com muita benevolência e foi generosamente acolhido. Nesse ponto, o autor realizou algumas diferenciações entre alguns países e os Estados Unidos, como pode-se observar

*A impressão geral que me deixou o que vi na América do Norte, é uma impressão de nitidez; tudo é nítido, de contorno perfeito e incisivo, como uma medalha antiga. O inglês fará tudo sólido; o francês elegante; o americano procura fazer nítido, **clear cut**. Isso reconhece-se logo em qualquer estampa americana. Há uma perfeição à parte, que é a perfeição americana, distinta do último toque que o inglês ou o francês dá as coisas, perfeição real, incontestável, como é a japonesa. Pode-se preferir o modo de ver, ou, antes, o modo de olhar – a arte não é no fundo senão um modo de olhar, uma questão de ângulo visual – ,do europeu ao do americano, é também isso em grande parte uma questão de raça, mas não há dúvida que o traço americano é um traço que alcançou, por sua vez, a perfeição. Tudo o que vi me pareceu feito, desenhado com esse traço, que eu não confundiria com outro. O que o distingue é que ele não exprime, como os outros, um estado de espírito ou aspiração de ordem puramente estética; que não exprime uma resolução, uma vontade, um caráter. Se não fosse a aspiração histórica, de que eu não poderia, nem quisera, desfazer-me, nenhuma residência, nenhuma vida, nenhum espetáculo*

me teria nunca parecido tão encantador como o de Nova York. Não sei se o céu de Nova York não me pareceu o mais belo do mundo; o que sei é que ele derrama em ondas de luz a alegria, a vida, a coragem, sobra a mais admirável procissão de mocidade e de beleza humana que jamais passou diante dos meus olhos, a que flui e reflui todas as tardes e manhãs da Quinta Avenida para o Central Park.
(NABUCO. 1998. p. 155)

Sabe-se que quando foi diplomata na Embaixada Brasileira nos Estados Unidos, Nabuco apoiou fortemente aproximação entre Brasil e Estados Unidos, segundo Maria Ligia Prado o autor era um “americanófilo” de primeira hora. (PRADO. 2001: p. 145). Leslie Bethell também aponta para o apoio que Nabuco demonstrava aos Estados Unidos quando era embaixador em Washington. Bethell afirma que o autor

considerava “natural” a ascendência dos Estados Unidos no continente americano, na visão esta que terminou sua amizade com Oliveira Lima, seu conterrâneo pernambucano. Tinha pouco entusiasmo com relação à América Espanhola que, com exceção da Argentina e do Chile, na visão dele, era uma região ainda caracterizada pela anarquia, guerra civil e caudillismo. “Na América (quando não fosse por outra causa, pela exceção da língua, que nos isola do resto da Ibero-América, como separa Portugal da Espanha)”, escreveu, “não podemos hesitar entre os Estados Unidos e a América Espanhola” (BETHELL. 2009: p.303)

Sobre seu posicionamento abolicionista, sabe-se que quando foi eleito deputado pelo Partido Liberal em 1878 já demonstrava apoio à causa emancipatória. Quando ainda estava em campanha discursou no Teatro Santa Isabel e colocou-se favorável à abolição alegando que o grande entrave para a democracia brasileira era a escravidão, como aponta Viotti. (COSTA. 2008: p. 104) No entanto, antes disso, em 1875 iniciou uma série de debates que geraram polêmica com o autor José de Alencar, que era deputado. Nesses embates Nabuco criticou severamente Alencar por ser conivente com a escravidão, já que este a considerava como um fato social necessário.¹

1 Tal alegação pode ser encontrada em sua obra Cartas de Erasmo de 1865 citado por VENTURA, Roberto. “Um Brasil mestiço: raça e cultura na passagem da monarquia à república” in: MOTA, Carlos

É importante lembrar que nesse período a Lei do Ventre Livre já havia sido aprovada e que isso fragilizou mais o sistema escravista. A partir de então a escravidão passou a ser mais comumente denunciada. José de Alencar foi contrário à aprovação desta lei na Câmara dos Deputados. Segundo Roberto Ventura, Alencar teria alegado que esta lei infringia o direito de posse, compra e que o Estado não poderia intervir no círculo familiar e na autoridade do patriarca. (VENTURA, 2000: p.335) Por essa razão, Nabuco foi um forte crítico do posicionamento de Alencar e estendeu suas críticas à produção literária dele, afirmando que seus romances indianistas e seus personagens negros eram imitações de produções estrangeiras. Mais uma vez é necessário lembrar que a produção cultural defendida por Nabuco é aquela relacionada aos saberes europeus, o que justifica o incômodo que tinha em relação às obras de José de Alencar. Em *Minha formação*, Nabuco não retoma essa polêmica, mas recorda-se de que talvez tenha sido injusto com o oponente. Segundo ele,

fui colaborador literário do Globo e travei com José de Alencar uma polêmica, em que receio ter tratado com a presunção e a injustiça da mocidade o grande escritor – (digo receio, porque não tornei a ler aqueles folhetins e não me recordo até onde foi a minha crítica, se ela ofendeu o que há profundo, nacional, em Alencar: o seu brasileiro); (NABUCO, 1998: p.84)

Uma das questões centrais desse debate era a abolição, defendida por Nabuco. Porém em seu livro autobiográfico, quando recupera tais lembranças, se limita a parecer arrependido, mostrando que por ser jovem naquela época teria sido mais severo do que o necessário. Nesse momento seu posicionamento em relação ao abolicionismo fica um pouco fluido e o leitor pode inferir que Nabuco, ao longo de sua vida, tenha mudado suas ideias e posicionamento sobre o tema. Porém, como aponta Maria A. R. de Carvalho, em *Minha formação* o abolicionismo é um tema que tem diferente tratamento em relação a outros textos, como é o caso do livro *O abolicionismo*, publicado em 1883. Neste último a temática é tratada com maior vigor, já que se trata de um livro para ganhar adeptos à causa. Já em seu relato autobiográfico, Nabuco recorre a memórias particulares que teriam sido responsáveis pelo seu posicionamento abolicionista. Ele se recorda de um escravo que apareceu no engenho de sua madrinha e suplicou que fosse comprado, pois seu senhor era demasiadamente cruel. (NABUCO.1998: p. 183) Para Nabuco esse momento foi crucial para definir-se a favor da

Guilherme. *Viagem Incompleta. A experiência brasileira (1500-2000)*. São Paulo: SENAC, 2000. p. 335.

causa emancipatória. Esse evento seria, para o autor, como uma dívida que o levaria a trilhar os caminhos do movimento abolicionistas.

Há ainda outros trechos em que ele relembra experiências em relação à abolição. No entanto, sua experiência quando tinha apenas oito anos teria sido mais decisiva do que qualquer influência. O autor cita que leu *A cabana o pai Tomás*, romance estadunidense escrito por Harriet Beecher Stowe e publicado em 1851/52, primeiramente em folhetim por um jornal abolicionista intitulado *National Era* e, posteriormente, copilado em formato de livro em dois volumes. O livro obteve muito sucesso logo ao ser publicado. Diversas traduções foram feitas em curtos períodos de tempo, sendo traduzida para a língua portuguesa em 1853. Tal livro foi citado e apropriado em diferentes veículos, obras e momentos do século XIX. Porém, Nabuco alega que sua própria experiência foi um fator mais forte para seu posicionamento do que qualquer leitura. Em outro momento de sua vida, no ano de 1882, que não é citado na autobiografia, o abolicionista envia uma carta para seu amigo, Dr. Domingos Jaguaribe, e em meio ao texto ressalta a importância do livro de Stowe para o movimento abolicionista. Na correspondência ele chega a dizer que esta obra seria a “Bíblia da emancipação”²

É possível notar que Nabuco teve um objetivo em sua autobiografia: o de dar sentido a sua trajetória de abolicionista, onde a sua experiência pessoal teria sido o ponto fundador e relevante para sua formação. Leslie Bethell e José Murilo de Carvalho apontam que as motivações que fizeram Nabuco tornar-se adepto do abolicionismo foram bem distintas dessas expostas em *Minha formação*. Segundo Bethell e Carvalho, em grande medida o autor justificava o fim da escravidão como sendo um crime, um atentado à civilização, seria um atraso ao país bem como ao desenvolvimento político e econômico, como vários outros abolicionistas também justificavam. (BETHEL e CARVALHO. 2009: p. 207) Os autores atentam para o fato de que é possível que o abolicionista possa ter se interessado pela questão emancipatória anteriormente, já que seu pai era contra o tráfico de escravos e Nabuco convivera com Castro Alves e outros abolicionistas ao longo da vida escolar. No entanto, após formar-se na faculdade, por volta de 1871/72, ele não tinha o mesmo engajamento em prol do abolicionista, como se vê anos à frente. (BETHEL e CARVALHO. 2009: p. 208 e 209)

2 De Joaquim Nabuco a Doutor Domingos Jaguaribe. Londres, 16 de novembro de 1882. Revista da Biblioteca Nacional, Ano 5, nº 56, Maio de 2010.

Sua iniciação no movimento abolicionista pode ter ocorrido após ter sido eleito deputado em 1879, com 29 anos. Segundo Bethell e Carvalho,

quem abriu o debate sobre o assunto (abolição) foi o deputado baiano, médico, senhor de escravos, católico ultramontano e abolicionista, Jerônimo Sodré Pereira, em discurso de 5 de março de 1879. A partir daí, Nabuco começou a se apropriar do tema até torná-lo quase uma obsessão, dentro e fora do Parlamento. (BETHEL e CARVALHO. 2009: p. 212)

Em *Minha formação* o autor não cita nenhum desses eventos, mas relaciona toda sua trajetória de abolicionista ao evento vivenciado na infância. Obviamente não podemos nos esquecer que esses elementos que buscam criar coerência no relato do autobiógrafo são comuns e que muitas vezes divergem de outros elementos que fazem parte da trajetória daquele indivíduo e também podem estar descoladas do contexto histórico.

O que se pode pensar a partir da leitura e análise da autobiografia de Joaquim Nabuco é que, primeiramente, o autor buscou reafirmar seu posicionamento monarquista, mesmo depois da queda e transição do II Reinado para a República. No fim de seu livro afirma que a queda do Império deveria ser o final de sua carreira política e que ele havia se dedicado a uma causa que deveria ter durado por volta de 30 anos, mas que durou apenas nove. (NABUCO. 1998: p.249) Fica claro que essa causa é a luta abolicionista. Quando Nabuco aponta para essa realidade a data que consta na página de início do capítulo vinte e seis é 1889 a 1899, o que já nos mostra um outro posicionamento, mais contraído e desanimado e, talvez decepcionado com os rumos políticos.

Sua trajetória abolicionista não ganhou tanto destaque, pois ele parece preocupar-se em contar mais detalhadamente suas experiências na Europa e como estas o influenciaram a ser monarquista. A causa abolicionista é basicamente justificada por experiências de seu tempo de criança e também ao se recordar de diversos nomes que também participaram desse movimento, como André Rebouças, José do Patrocínio, Luis Gama, etc. Ao lembrar de outros abolicionistas, faz menção aos relacionamentos que possuía com eles. Porém, suas experiências e influências em relação à questão abolicionista ficam vagas e o leitor pode ter a impressão de que ele descobriu o antiescravismo por si mesmo.

Por fim, pode-se pensar que a autobiografia de Nabuco é um relato um pouco angustiada do período de transição do Império para a República, quando existiam novos



questionamentos, mas que eram ainda pouco aceitos e criticados por indivíduos como Nabuco, que defendiam a monarquia, a tradição e os costumes.

Bibliografia

BETHELL, Leslie e CARVALHO, José Murilo de. Joaquim Nabuco e os abolicionistas britânicos. *Correspondência, 1880-1905*. Estudos Avançados, 23 (65), 2009.

BETHELL, Leslie. O Brasil e a ideia de América Latina em perspectiva histórica. In: Estudos Históricos. V. 22, no. 44, 2009.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica” in: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. “Minha formação” in: MOTA, Lourenço Dantas (org.). *Introdução ao Brasil: Um banquete no trópico*, 2. São Paulo: Editora SENAC, 2002.

COSTA, Emília Viotti da. *A abolição*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

PRADO, Maria Lígia. O Brasil e a distante América do Sul. In: Revista de História, v. 145, 2001.

ROSENTHAL, Gabriele. “A estrutura e gestalt das autobiografias e suas consequências metodológicas” in: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

VENTURA, Roberto. “Um Brasil mestiço: raça e cultura na passagem da monarquia à república” in: MOTA, Carlos Guilherme. *Viagem Incompleta. A experiência brasileira (1500-2000)*. São Paulo: SENAC, 2000.

Carta: De Joaquim Nabuco a Doutor Domingos Jaguaribe. Londres, 16 de novembro de 1882. Revista da Biblioteca Nacional, Ano 5, nº 56, Maio de 2010.